



## O Impossível de Medir

---

O universo não começa no tempo. Começa precisamente onde o tempo deixa de fazer sentido. A origem, tal como hoje é pensada no interior da cosmologia contemporânea, não é um momento — é um colapso das categorias que tornam qualquer momento possível. O chamado *Big Bang* não é uma explosão, nem uma criação, nem sequer um acontecimento num sentido clássico: é o limite onde toda medida se torna inaplicável. É aí, nesse excesso ainda sem forma, que se instala a primeira tarefa filosófica: não a de explicar, mas a de escutar o impossível que sustenta o real.

Durante décadas, a física avançou na direção da origem. A radiação cósmica de fundo, a expansão das galáxias, a densidade energética do universo inicial — tudo parece apontar para um estado extremo de compressão e temperatura. Mas à medida que nos aproximamos do tempo de Planck — aquele intervalo mínimo de  $10^{-43}$  segundos — tudo se dissolve: o espaço perde estrutura, o tempo colapsa, a causalidade evapora-se. A física detém o gesto de aproximação. Mas é precisamente nesse limite que se inicia o gesto filosófico — não para explicar o irrepitível, mas para reinscrevê-lo como fratura operatória. Já não há ponto, nem sequência, nem extensão. O real, ali, deixa de ser mensurável.

É precisamente esse colapso da medição que funda o problema filosófico da origem. Porque medir não é apenas contar: é inscrever, é estabilizar uma diferença numa escala simbólica. Medir é impor contabilidade a um mundo que ainda não se ofereceu como número. É domesticar o excesso na ficção do marco, fixar o que ainda não se quis fixar, traduzir o que ainda não se organizou. Toda medição exige um referencial, um corpo, uma duração repetível. Mas no princípio do universo, nenhuma dessas condições estava presente. Havia apenas densidade incomensurável, energia sem forma, um real que ainda não podia ser nomeado porque nenhuma linguagem fora ainda inscrita.

Esta ausência de referência não é ausência de realidade. O que havia não era vazio, porque o vazio já pressupõe um regime de ausência, e aqui não havia nem presença nem ausência: apenas potência sem forma. Não se tratava de caos mitológico nem de “nada”, mas de instabilidade material ainda sem inscrição. E é nesse campo sem forma que emerge o gesto inaugural da filosofia. Não como descrição de um antes, mas como inscrição simbólica do que ainda não pode ser simbolizado. A origem não pode ser representada — não porque seja mistério, mas porque é anterior a qualquer gramática da forma. Não há observador, não há ritmo, não há escala. O universo não começou num instante: começou quando a possibilidade do instante se desfez.

O erro maior está em tratar o *Big Bang* como um acontecimento entre outros, como se tivesse havido um “antes” e um “depois”. Mas o que a física mostra — e a filosofia reinscreve — é que o início não foi um ponto, mas uma disjunção ontológica absoluta: não havia medida porque não havia diferença ainda estabilizada. O que chamamos “origem” é apenas o nome tardio de um campo de forças que não pode ser reduzido a um relato, nem a uma fórmula, nem a uma imagem. Como sugerem alguns modelos de gravidade quântica, neste limiar inicial o espaço-tempo dissolve-se em flutuação não métrica: já não há geometria, apenas tensão.

Esse campo não era ausência, nem repouso. Era excesso sem forma, matéria em perturbação ainda sem inscrição, sem tempo, sem localização. Não caos, no sentido de desordem, mas instabilidade sem referencial simbólico. O que estava ali não podia ser visto, nem medido, nem pensado em termos lineares. E no entanto, era real.

A filosofia da complexidade emergente propõe-se pensar exatamente esse ponto: não como fim da linguagem, mas como o seu ponto-zero operatório. Não como ausência de inteligibilidade, mas como inteligência sem ancora — sem código, sem espelho, sem sistema. A origem não pode ser conhecida, mas pode ser reinscrita como o que interrompe a transparência do mundo. Não para a negar — mas para reconhecer que o mundo não é dado: é insurgente.

Toda tentativa de medir a origem é já, inevitavelmente, uma projeção simbólica. Mas essa projeção não deve ser evitada: deve ser reconhecida como operação criadora. A tarefa filosófica não é refutar a ciência, mas levar o seu gesto ao limite — e nesse limite, escutar o que ainda não foi transformado em forma. O que não pode ser medido não é o vazio da ignorância, mas a intensidade ainda não estabilizada da emergência.

A origem do universo não está “por descobrir”. Está por reinscrever. E essa reinscrição não exige mais dados, nem melhores telescópios, nem fórmulas mais complexas. Exige uma filosofia capaz de pensar o real como aquilo que se inscreve mesmo sem condição simbólica prévia. Uma filosofia que aceite que o começo não começou, que o tempo ainda não era, que o mundo que hoje conhecemos é apenas o efeito residual de um gesto que ainda não podia ser contado.

---

*"O impossível de medir é o solo onde o real ainda não consentiu  
forma — mas já exige inscrição."*

---

— David Cota — Fundador da Ontologia da Complexidade Emergente —